

Ensaio e Iniciação Científica

COOPERATIVAS AGROINDUSTRIAIS NA BAHIA: ESTUDO DE CASO DA COOPERFEIRA

Pat Virgíne Luz Viana*

RESUMO

Este artigo evidencia a origem do Modelo Cooperativista Brasileiro, o seu desenvolvimento, o novo cooperativismo no Brasil e as suas características. Discute também o estado atual da gestão da qualidade na empresa agroalimentar e sobre a “Cooperfeira” e o seu funcionamento.

Palavras-Chave: Cooperativismo - Desenvolvimento- Indústria Agroalimentar- Gestão da Qualidade

O cooperativismo nasceu, na Inglaterra, no final do século XVI, quando teve início a Revolução Industrial. Os trabalhadores das manufaturas, na época, eram qualificados e possuíam associações de ofício, que controlavam o exercício profissional. Com a introdução das máquinas, estes trabalhadores começaram a sofrer a competição de fábricas, que empregavam pessoas não qualificadas, geralmente regressas do campo. Como os produtos industriais eram mais baratos do que os artesanais, em pouco tempo os trabalhadores manufatureiros ficaram sem trabalho.

As associações fizeram de tudo para impedir que as máquinas substituíssem os trabalhadores. As ações clandestinas violentas - como a queima das fábricas - foram reprimidas com vigor. Nessa época, Robert Owen, um dos pais do socialismo, começou a pregar que a indústria em si é benéfica, ao baratear os bens de consumo, mas que ela deveria ser colocada sob o controle dos trabalhadores e os resultados do trabalho em comum deveriam ser repartidos igualmente. Ele propunha que ao redor das fábricas fossem formadas aldeias cooperativas, em que os meios de produção seriam possuídos e geridos coletivamente. Ele criou várias aldeias com este caráter, uma nos Estados Unidos e as demais na Inglaterra.

Na terceira década do século passado, o "owenismo" tomou-se um movimento de massas na Inglaterra e passou a inspirar o nascente movimento das “trade-unions”. Owen assumiu a liderança das lutas operárias e orientou os sindicatos a formar cooperativas de produção de cada vez que fizessem greves, tendo em vista tomar o mercado dos capitalistas. Nesta época, centenas de cooperativas foram formadas e em diversas ocasiões os sindicatos tentaram levar a cabo a estratégia de Owen. A classe capitalista reagiu de maneira ofensiva contra o movimento dos trabalhadores: fizeram “lock-outs”, para expulsar os trabalhadores owenistas das empresas, organizaram listas contra o emprego de ativistas sindicais e obrigaram os empregados a assinar uma promessa de jamais se filiar a um sindicato. Com isso, parte dos sindicatos teve de fechar e outros passaram à clandestinidade. Como declínio do movimento operário, provavelmente muitas cooperativas também encerraram suas atividades. Mas, em 1844, um pequeno número de trabalhadores industriais fundou em Rochdale, um importante centro têxtil, uma cooperativa de consumo que eles chamaram “A Sociedade dos Pioneiros Equitativos”. Eram todos militantes operários owenistas ou cartistas (partidários dum grande movimento de massa na época, que lutavam pelo sufrágio universal masculino). Eles adotaram oito princípios, que provavelmente decorriam da experiência das duas ou três décadas anteriores de cooperativismo. (SINGER, 1996).

Em resumo, estes princípios eram os seguintes: “1º a Sociedade seria governada democraticamente, cada sócio dispondo de um voto; 2º a Sociedade seria aberta a quem dela quisesse participar, desde que integrasse uma quota de capital mínima e igual para todos; 3º qualquer dinheiro a mais investido na cooperativa seria remunerado por uma taxa de juro, mas não daria ao seu possuidor qualquer direito adicional de decisão; 4º tudo o que sobrasse da receita deduzidas todas as despesas, inclusive juros, seria distribuída entre os sócios em proporção às compras que fizessem da cooperativa; 5º todas as vendas seriam à vista; 6º os produtos vendidos seriam sempre puros e de boa qualidade; 7º a Sociedade deveria promover a educação dos sócios nos princípios do cooperativismo; e 8º a Sociedade teria que ser neutra política e religiosamente”. (SINGER, 1996).

Aplicando estes princípios, a Sociedade dos Pioneiros de Rochdale cresceu imensamente,

* Bacharel em Administração de Empresas da UNIFACS. Estagiária da área de Planejamento e Controle de Materiais do Hospital Português.

alcançando dezenas de milhares de sócios. Representando um importante mercado consumidor, os Pioneiros fundaram diversas cooperativas de produção: fábrica de sapatos e tamancos, fiação e tecelagem, uma cooperativa de habitação e uma sociedade de beneficência, que prestava assistência à saúde. O exemplo de Rochdale se irradiou pela Inglaterra e mais tarde por outros países. Numerosas cooperativas foram fundadas a partir destes princípios. Hoje, a cooperativa de Rochdale é considerada a pioneira de todas as cooperativas.

O cooperativismo surgiu em outros países, notadamente na França, na mesma época, sempre ligado às lutas operárias. Na Alemanha, foram desenvolvidas cooperativas de crédito rurais e urbanas, seguindo modelos diferentes, mas aplicando os mesmos princípios. Finalmente, em 1895, fundou-se a Aliança Cooperativa Internacional (A.C.I.), em Genebra, Suíça, classificada com uma organização não governamental (ONG) internacional, que desde então congrega as entidades cooperativas de todos os países do mundo (82 países, 203 organizações e 662.970.545 pessoas – ACI, 1992). (SINGER, 1996).

O processo de desenvolvimento das cooperativas e sua transformação em agroindústrias processadoras, a partir de estratégias diferenciadas, deu-se num contexto de transformações do setor agrícola brasileiro, no período do pós-guerra, e, recentemente, com as mudanças do mercado, em vista da globalização, abertura econômica e integrações regionais. Durante os últimos dois séculos, cooperativas surgiram em quase todos os países, assumindo diversas formas: cooperativas de consumo – empresas de propriedade de seus clientes, que lhes vendem bens ou serviços de qualidade comprovada a preços mínimos, pois não visam lucros. São hoje importantes em setores que fornecem serviços de grande valor, a longo prazo, como as cooperativas de saúde, de escolas, de crédito, de seguros, habitacionais, de comercialização – empresas formadas por pequenos ou médios produtores agrícolas, artesanais, coletores de refugos recicláveis, que vendem a produção dos sócios e compram para eles equipamentos, matérias primas, etc.

Cooperativas agrícolas freqüentemente criam indústrias de processamento de produtos agropecuários, acrescentando valor a eles; cooperativas de produção – empresas de produção coletiva agropecuária, industrial ou de serviços. Uma modalidade destas cooperativas são as chamadas “cooperativas de trabalhadores” ou de “serviços”, que prestam serviços nas instalações e com os equipamentos dos clientes. São exemplos cooperativas de manutenção de redes de energia elétrica e de telefonia, de manutenção e limpeza de edifícios, hospitais, etc, e de fornecimento de mão de obra para colheitas, para confecção de vestuário, calçados (faccionistas), entre outras.

Embora haja grandes diferenças entre os vários tipos de cooperativas, todos se regem pelos mesmos princípios, que são os herdados dos Pioneiros de Rochdale, adaptados e enriquecidos por sucessivos congressos da Aliança Cooperativa Internacional (A.C.I.). Como todos os que trabalham em cooperativas são seus próprios patrões – exceto alguns poucos que são assalariados, quase sempre em estágio probatório para serem depois admitidos como sócios - eles não têm os direitos que a legislação do trabalho assegura, aos empregados. Este fato deu oportunidade a abusos por parte de empregadores inescrupulosos. Para não pagar os chamados “encargos trabalhistas”, estes patrões criam falsas cooperativas, obrigam seus trabalhadores a se associar a elas, “contratando-os” enquanto pretensos cooperados por valores bem menores que a antiga folha de pagamentos. A prova de que estas cooperativas são falsas é que elas são dirigidas por propositos do próprio contratante, que obriga os trabalhadores a aceitar a nova relação sob pena de ficarem sem trabalho. (SINGER, 1996).

Está claro que nenhuma cooperativa é autêntica se ela não for o resultado da vontade livre e consciente de seus membros. Uma cooperativa de verdade serve para defendermos interesses de seus sócios, de modo que ela exigirá pelos serviços dos mesmos uma remuneração que inclua todos direitos trabalhistas dos assalariados, como férias, fundo de garantia de tempo de serviço, 13(salário dentre outros benefícios. É vital para as verdadeiras cooperativas de serviços que as falsas sejam eliminadas ou então transformadas em autênticas, mediante a conquista de sua direção pelos associados. Na luta contra as "cooperfraudes", sindicatos e cooperativas são aliados naturais. Todas as cooperativas são democráticas e igualitárias, seus dirigentes são eleitos pelos sócios, as diretrizes

são discutidas e aprovadas em assembléias gerais, nas de produção o ganho líquido é repartido conforme critérios aprovados pela maioria etc. São estes princípios que permitem distinguir falsas cooperativas das verdadeiras.

O cooperativismo tem crescido, como reação dos trabalhadores contra o desemprego em massa e a exclusão social, provocados por revoluções industriais (causadoras de desemprego tecnológico) e/ou por depressões econômicas. Um surto importante de cooperativismo ocorreu no fim do século passado, na Europa Ocidental e na América do Norte, em função destes fatores. Após a 2ª Guerra Mundial, o pleno emprego perdurou por cerca de 30 anos nos países industrializados, durante os quais os trabalhadores assalariados conquistaram melhorias salariais. Neste período, o interesse pelo cooperativismo por parte do movimento operário mais combativo decresceu, pois a conquista do poder estatal tornara-se prioritária. As cooperativas existentes continuaram funcionando, mas foram poucas as formações de novas. Muitas cooperativas de consumo não resistiram à competição das grandes redes de super e hipermercados. Mas, a partir de meados de 1970, crises e recessões sucessivas e cada vez mais graves se sucederam e a 3ª Revolução Industrial (micro-eletrônica) tomou impulso. O desemprego voltou a crescer. A globalização financeira e comercial provocou a desindustrialização de países em que a classe trabalhadora tinha feito conquistas e o mesmo fenômeno atingiu a América Latina e em especial o Brasil a partir dos 1990. Tudo isso provocou e, renascimento do cooperativismo, na Europa, na América Latina e mais recentemente no Brasil também.

Hoje, pode-se distinguir entre o cooperativismo tradicional e o novo cooperativismo, que traz as marcas da crise ideológica da esquerda e a necessidade de enfrentar o neoliberalismo e a atual crise das relações de trabalho. O novo cooperativismo constitui a reafirmação da crença nos valores centrais do movimento operário socialista: democracia na produção e distribuição, desalienação do trabalhador, luta direta dos movimentos sociais pela geração de trabalho e renda, contra a pobreza e a exclusão social. (SINGER, 1996).

Nem sempre o novo cooperativismo se insere nos mesmos espaços institucionais do tradicional. Estes, muitas vezes, foram cooptados por órgãos governamentais, ou se burocratizaram, ou degeneraram. Há "cooperativas de comercialização" – sobretudo agrícolas ou agroindustriais – cujos sócios são empregadores capitalistas. Obviamente estas pretensas cooperativas nada tem em comum com a esmagadora maioria das cooperativas, formadas por trabalhadores que procuram criar para si e para toda a sociedade alternativas democráticas e igualitárias ao capitalismo.

A situação do cooperativismo difere de país a país. Apesar de estar organizado internacionalmente na Aliança, o cooperativismo está hoje em processo acentuado de transformação. Na Bahia existem mais de mil cooperativas. Apenas 371 estão registradas na Organização das Cooperativas do Estado da Bahia. São doze os tipos de cooperativas existentes: 170 - Trabalho; 77 Agropecuária; 53 saúde; 31 crédito; 21 educacionais; 4 habitacionais; 2 mineração e 3 consumo.

As cooperativas de Lazer e Turismo, Produção, Especial e de Serviço ainda não foram registradas na Organização das Cooperativas do Estado da Bahia. (AQUILES, 2000). O novo cooperativismo surge em grande medida como resultado das novas formas de luta do sindicalismo mais combativo e se opõe à globalização em sua modalidade neoliberal e à devastação que ela ocasiona no seio da classe trabalhadora. As cooperativas agroindustriais têm crescido bastante nos últimos tempos.

As cooperativas agropecuárias também foram surgindo no Sul do Brasil, principalmente nas comunidades de origem alemã e italiana, conhecedoras do sistema cooperativista europeu. Elas se dividem conforme os tipos dos produtos com os quais trabalham. Muitas são mistas, ou seja, têm mais de uma seção: a de compras em comum (para compra de insumos, adubos, sementes, instrumentos etc.) e a data de vendas em comum (venda dos produtos cooperados). O cooperativismo agropecuário já se estendeu a todo território nacional. (BENATO, 1997).

É o mais conhecido pela sociedade brasileira participando das exportações, o que engorda a Balança Comercial e, ao mesmo tempo, abastece o mercado interno de produtos alimentícios. Ele presta um enorme leque de serviços – desde de assistência técnica, armazenamento, industrialização e comercialização dos produtos, até a assistência social e educacional aos cooperados. As

cooperativas agropecuárias são hoje o segmento econômico mais forte do cooperativismo brasileiro. (BENATO, 1997).

Sendo assim, o setor agroalimentar é essencial para o país, contudo, o número de trabalhadores que tratam da gestão da qualidade deste setor é muito pequeno. Cabe ao poder público, a responsabilidade de exercer um controle rigoroso sobre a qualidade final do produto, por meio de normas de produção e distribuição. Para as indústrias agroalimentares, a qualidade é uma questão de sobrevivência. Caso um produto não tenha qualidade, ele poderá afetar a imagem de uma marca consolidada no mercado. Uma cadeia de produção agroindustrial pode ser segmentada em três macrosssegmentos. São eles: a comercialização, a industrialização e a produção de matérias-primas. Essa divisão pode variar segundo o tipo de produto. (BENATO, 1997).

O conceito de qualidade de produto é um conjunto de múltiplos atributos deste produto que irá determinar o grau de satisfação ou não do cliente. A gestão da qualidade é o conjunto de práticas utilizadas para obter-se de maneira eficaz e eficiente, a qualidade de um produto. A gestão da qualidade no setor agroalimentar tem duas características marcantes. A primeira refere-se aos parâmetros e às exigências da qualidade, os quais os consumidores não conseguem detectar diretamente. A segunda característica é a importância dos padrões de qualidade de apresentação para a decisão de compra do produto. (TOLEDO, 2000).

Um produto pode ser muito bom do ponto de vista da qualidade de segurança alimentar, mas o consumidor poderá não ter o desejo de consumi-lo. Segurança e qualidade são dois pontos importantes para a cadeia agroalimentar. Não dependem apenas das regulamentações e ações de inspeção governamental, mas sim da cultura e do conhecimento de todos, a fim de estabelecer uma melhoria contínua, sempre se preocupando com o consumidor final. Devido a isso, todas as empresas consideram importante a inspeção de seus produtos e a padronização dos processos, existindo uma estrutura de inspeção no recebimento de matérias-primas e durante o processamento e embarque do produto. (TOLEDO, 2000).

Segundo a Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (OCEMG), 1994, cooperativa é uma sociedade de pessoas, de natureza civil, unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns e cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades.

No sistema cooperativista não pode haver conflitos entre os interesses da empresa e dos seus cooperados (sócios). Uma cooperativa é uma organização que exige administração diferenciada, possuindo assim: um controle democrático onde as decisões representam a vontade da maioria; neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social; retorno das sobras proporcional às operações e integração cooperativista, havendo sempre um espírito de união e cooperação mútua entre seus membros.

A atual estrutura de poder nas cooperativas brasileiras vem recebendo muitas críticas, pois as suas deficiências estão comprometendo a competitividade das demais organizações em relação às organizações não cooperativas, principalmente devido a sua ineficácia administrativa, como por exemplo: a lentidão nas decisões, a falta de competência administrativa dos dirigentes, centralização do poder, a remuneração demasiada dos dirigentes, etc. O cooperativismo deveria promover uma sociedade de maior participação e igualdade econômica e social, evitando assim, o privilégio de alguns e a marginalização de outros.

O tema escolhido – Cooperativas Agroindustriais do estado da Bahia – visa relacionar a teoria com a prática de gestão das cooperativas, para tanto, foi escolhida como objeto de estudo a COOPERFEIRA, que vem se apresentando como uma das mais bem sucedidas cooperativas do Estado da Bahia.

A COOPERFEIRA é uma cooperativa que surgiu em 1975, com a finalidade de atuar na compra e venda de insumos para seus associados, mas que a partir de 1979 passou a ser uma cooperativa agropecuária. Esta mudança ocorreu depois de uma grande crise na Bahia que culminou com o fechamento dos seis grandes frigoríficos do Estado. Atualmente, a COOPERFEIRA conta com 745 cooperativados. A sua sede administrativa continua na cidade Feira de Santana, contudo o seu

frigorífico foi transferido em 1986 para a cidade vizinha de Humildes. Esta transferência aconteceu, porque a estrutura do frigorífico estava localizada dentro do perímetro urbano de Feira de Santana, fazendo com a Prefeitura Municipal exigisse a sua saída, devido à poluição gerada pela mesma. (COOPERFEIRA, 2000).

Infelizmente, nós brasileiros, nos preocupamos muito mais com a opinião dos estrangeiros do que com a nossa própria opinião. Devido a isso, o superintendente da COOPERFEIRA tinha como uma única saída, recuperar as cooperativas do Brasil, pois as de Salvador estavam acabando. Sendo assim, o superintendente da COOPERFEIRA mandou fazer um estudo do que é que significava as cooperativas do país, qual era a sua importância.

Segundo estudo do Governo Federal, as cooperativas são responsáveis por 60 % da armazenagem da produção do país, 80% consumo de insumos é via cooperativas, 10 % da população economicamente ativa do país vive do cooperativismo e um bilhão de dólares/ano da exportação brasileira é produto da comercialização via cooperativas. Dentro dos vários ramos cooperativistas, o agro-industrial possui o maior destaque, já que é responsável por cerca de 70% de toda a atividade agro-industrial do país. Isso tudo nos deixa bastante claro a importância das cooperativas para um país.

No início, todas as cooperativas sofreram dificuldades para entrar nas regiões, não por falta de administração, mas sim porque as cooperativas têm uma desvantagem enorme quando o país é emergente e muda de plano toda hora, devido à lentidão das cooperativas. Houve também um projeto de recuperação das cooperativas do país por parte do governo chamado RECOOP (Recuperação das Cooperativas do País), mas que até hoje isso ainda não funcionou, mas a tendência é funcionar. A Bahia foi contemplada com 1% de todo o investimento RECOOP, onde desse 1% entraram 22 cooperativas e só foram aprovadas 10, e dessas 10 sobraram apenas duas, onde uma delas é a COOPERFEIRA.

Em cooperativas não há sociedade de capital. Foram realizadas palestras para especialistas em cooperativas e administradores, e eles não entendem qual a diferença de sobra e lucro. Por exemplo, numa entidade capitalista, no caso S/A, quem comanda é o capital. O resultado é proporcional ao capital disponível, onde se tem a responsabilidade de dirigir de acordo com esse capital. Já nas cooperativas é bastante diferente, onde a sociedade é de pessoas e não de capital. A cooperativa em si não tem finalidade lucrativa. Quem tem lucro é o associado da cooperativa. Como ela não tem lucro, ela não paga Confins, não pode ser taxada como Imposto de Renda porque ela não tem renda, o PIS é pago de forma diferente (não é pago pelo faturamento).

A cooperativa tem uma diferença entre o que ela arrecada e o que ela tem de despesa, e essa diferença é chamada de sobra, que não é sinônimo de lucro. O rateio final do lucro é de acordo com o seu capital, e o rateio final da sobra da cooperativa, é de acordo com o movimento, ou seja, os cooperativados recebem de acordo com o movimento daquele determinado período. Existem quatro tipos básicos de cooperativas: Cooperativas de Vendas em Comum, Cooperativas de Compras em Comum, Cooperativas de Serviço e as Cooperativas Temporárias. Nas Cooperativas de Vendas em Comum, reúne-se o produto e vende em comum a terceiros. Já nas Cooperativas de Compras em Comum, você compra insumos, compra tudo e distribui. É chamada também de Cooperativa de Consumo, como por exemplo, um supermercado. As Cooperativas de Serviço são as cooperativas de trabalho, escolares, de táxi etc. As Cooperativas Temporárias são as cooperativas para fazer um prédio, por exemplo, são cooperativas habitacionais.

Em 1975, um grupo de fazendeiros decidiu fazer uma cooperativa, mas muitas vezes as pessoas não sabem a razão de querer fazer uma cooperativa, e isto é muito importante. É necessário saber que tipo de cooperativa se quer abrir. Em 1979, aconteceu um fato econômico muito sério, onde os frigoríficos do Estado da Bahia fecharam. Todos faliram. Quando há uma falência de atividade, a razão não pode ser determinada pela má gestão. A má gestão pode retardar ou minimizar a falência, mas não pode inverter uma situação. O motivo do fechamento destes frigoríficos foi a concorrência com matadouros em cidades do interior baiano que sonegavam impostos e, portanto tinham uma vantagem nos preços praticados no abate do gado. Os criadores preferiam passar clandestinamente

por barreiras fiscais e abater suas crias nestes matadouros clandestinos.

Diante desta crise no setor pecuário, os grandes criadores pediram ajuda financeira ao Governo do Estado com a finalidade de reabilitar os seis frigoríficos. Contudo, o governo não pode emprestar o capital necessário porque se tratavam de empresas privadas. A ajuda teria que ser dada através de alguma entidade sem fins lucrativos, e neste momento, os criadores resolveram utilizar uma pequena cooperativa de consumo situada na cidade de Feira de Santana chamada COOPERFEIRA. Enfim, o cooperativismo é um instrumento para se atingir a melhoria econômica e social. Ele representa para os pequenos produtores, uma valiosa ferramenta para aumentar a sua força e o seu poder. A cooperativa ajuda a aumentar os rendimentos do produtor, defende o preço justo dos produtos no mercado, afastando e disciplinando a ação do intermediário.

Referências Bibliográficas:

- AQUILES, Haroldo. *Como são as Cooperativas*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://atardeonline.com.br>. Arquivo capturado em 21/07/2000.
- COOPERFEIRA. *Home Page*. URL: <http://gd.com.br/cooperfeira>. Arquivo capturado em 29/07/2000.
- SINGER, Paul. *A origem do Cooperativismo*. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.cut.org.br/a21003.htm>. Arquivo capturado em 31/07/2000.
- TOLEDO, José Carlos. Qualidade na Indústria Agroalimentar: Situação Atual e Perspectivas. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, Volume 40, nº 2. Abr/Jun 2000, p.90-101.
- BENATO, João. *A estrutura do Cooperativismo*. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.oces.org.br/cprtvsmo.htm>. Arquivo capturado em 31/07/2000.